

ARTIGO 02

A CENTRALIDADE DA CRUZ DE JESUS CRISTO PARA A JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL³⁰

Werner Fuchs³¹

Nós, segundo a promessa de Deus, esperamos céus e terra renovados, nos quais habita justiça (2Pe 3.13).

RESUMO

Não é comum afirmar que a morte de Jesus na cruz é central para a defesa do meio ambiente. Para a maioria dos cristãos a motivação de preservar o planeta se baseia nas narrativas do livro de Gênesis. Isso nos impõe um duplo desafio: desconstruir conceitos enraizados e convidar para olhar para criação do mundo como ato segundo posterior ou concomitante à redenção. Entretanto, o espaço do presente texto nos limita a destacar apenas algumas evidências bíblicas. Tampouco será possível uma elaboração sistemática a partir delas.

Palavras-chave: morte, cruz, justiça e Jesus.

ABSTRACT

It is not common to assert that the death of Jesus on the cross is central to environmental defense. For most Christians, the motivation to preserve the planet is rooted in the narratives of the book of Genesis. This presents a dual challenge: to deconstruct deeply ingrained concepts and to invite a perspective that views the creation of the world as an act that is either subsequent to or concurrent with redemption. However, the scope of this text limits us to highlighting only a few biblical evidences, making a systematic elaboration from them impossible.

³⁰ Artigo elaborado a partir da palestra na consulta “Ecología, Teología y Misión en Diálogo con la Economía, las Tecnologías y las Ciencias Sociales”, convocada pela Fraternidad Teológica Latinoamericana, em 28 de novembro de 2023, e publicado originalmente em: ECOLOGÍA, por *Mariel Deluca Voth* e *Jair Villegas Betancourt* (coords.), Buenos Aires, FTL, 2025, p. 29-42. Traduzido ao inglês por Gretchen Abernathy e publicado no JLAT – Journal of Latin American Theology, vol. 19, nº 2. St Charles, IL, 2024, p. 29-44.

³¹ Bacharel em Teologia na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo-RS (EST), e especialização *Latu Sensu* em Bangalore-Índia. Pastor luterano aposentado, professor, escritor e tradutor. E-mail: w.fuchs2013@gmail.com.

Keywords: death, cross, justice, and Jesus.

INTRODUÇÃO: HARMONIA SIMULTÂNEA

O evangelho de Marcos 1.13 observa que, após vencer a tentação no deserto, Jesus “estava com os animais silvestres, e os anjos o serviam”. Jesus se encontra ao mesmo tempo em harmonia com a natureza e em harmonia com Deus! Cabe perguntar: Se isso funcionou para Jesus, não deveria acontecer também conosco? O perdão dos pecados, a reconciliação com Deus, não deveria nos colocar de imediato em convivência pacífica com a natureza?

1. PROBLEMA

Sempre houve na teologia e na confissão de fé cristã a declaração de que nosso Deus incarnado em Jesus de Nazaré é Pai Criador e Mantenedor (Gênesis, os Credos da igreja antiga, etc.) e sempre houve cristãos que defenderam a criação a partir de uma base bíblica e teológica. Por exemplo: a Ordem dos Cistercienses nos séculos XI e XII³², Hildegard de Bingen, Francisco de Assis, Lutero e Melanchthon, que motivaram o surgimento do primeiro código florestal na Europa em 1543.³³ Porém, apesar desses exemplos e dessa doutrina de que o mundo foi criado e é preservado por Deus, nosso planeta está sendo, e já foi em grande parte, destruído. Não precisamos detalhar aqui a perda da biodiversidade, a contaminação de terra, ar e água, e o caos climático. Encontramo-nos em guerra contra a flora, a fauna e a paisagem natural. E muitos empreendimentos

³² OBLAU, *ECOLOGÍA*, por Mariel Deluca Voth e Jair Villegas Betancourt (coords.), Buenos Aires, FTL, 2025, p. 29-42.

³³ FUCHS, Werner. *Povo que conhece seu Deus* – Bíblia e cidadania no caminho de baixo. Londrina: Descoberta 2018, p.199.

predatórios são liderados por pessoas que se declaram cristãs. Porém a maioria das igrejas não reage. Aceita isso passivamente. Por quê? Pode haver duas razões:

- a) Estamos equivocados no entendimento dos textos bíblicos e precisamos de uma revisão, de uma releitura que leve a mudanças.
- b) Falta prestar atenção ao que significam para a natureza criada o evangelho de Jesus Cristo Redentor³⁴, e o agir do Espírito Santo – Ou estamos mancando de ambas (1Rs 18.21).³⁵

2. RELEITURAS

2.1 Justiça

Nas considerações sobre a criação raramente encontramos a afirmação de que criar e preservar faz parte da justiça divina. Há numerosos textos que corrigem essa distorção: “A tua justiça é como as grandes montanhas; os teus juízos são como um abismo profundo. Tu, Senhor, preservas as pessoas e os animais” (Sl 36.6). Criação e restauração ambiental com justiça acontecem no agir de Deus na história ao salvar seu povo: “Que os céus gotejem lá do alto, e as nuvens chovam justiça; que a terra se abra e produza a salvação, e juntamente com ela brote a justiça; eu, o Senhor, as criei.” (Is 45.8).

O Salmo 111 enaltece conjuntamente “as obras” da criação e “os feitos” de Deus na história, que ambos evidenciam sua justiça, misericórdia e fidelidade. Portanto, considerando que o conceito da justiça socioambiental está consolidado nas atuais lutas ambientais³⁶, e que ele é mais abrangente que a ideia do cuidado

³⁴ DAMIÃO, Paulo de Melo Cintra. *A Ecologia e o Ministério da Reconciliação*. São Paulo: Pendão Real 2015, p.18.

³⁵ MOLTMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida – O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola 2002, p. 118.

³⁶ MAIA NETO, Joaquim. *Reflexões sobre justiça socioambiental*, in: *Justiça Socioambiental – Conceitos e Reflexões*, São Leopoldo: CEBI 2017, 54p.

da criação, cabe reconhecer que já na Bíblia esse conceito descreve adequadamente o modo de agir do próprio Deus na história e na natureza (Sl 98.8). A justiça socioambiental inclui denunciar opressores e defender vítimas. A solidariedade na luta se dirige tanto a vítimas humanas quanto à própria natureza ameaçada.

2.2 Imagem de Deus

No relato de Gênesis 1.27 lemos que “Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” Ou seja, não o indivíduo, mas o casal é imagem e semelhança de Deus. Sim, é o casal, em reciprocidade e cooperação (Gn 2.18). Até porque nos tempos bíblicos não existia o conceito de “indivíduo”, desenvolvido apenas na Idade Moderna.

Deus é relacional e criou a natureza como colaborativa. Também o “muito bom” (Gn 1.31) precisa ser lido nessa correlação: Se alguém ou algo não estiver ligado a Deus, não é bom, mas maligno, por mais belo e perfeito que seja. Portanto, é essa ligação amorosa com Deus que o casal retrata ao se relacionar entre si e com as demais criaturas. Deus conversa com suas criaturas, caminha pelo jardim e busca incessantemente ao longo da história consertar os relacionamentos que foram degradados.

Ele o faz de modo definitivo em Jesus Cristo. Oferece e concretiza seu projeto de *shalom*, de paz irmanada com a justiça (Sl 85,10). Vivenciar essa relação harmoniosa com os outros e com a criação é a incumbência do casal humano, da família, do povo nesta terra, como “espelho” de Deus. “Imagem” também designa a estátua do rei que conquista uma terra e que, quando se ausenta, deixa ali seu “estandarte” para simbolizar seu domínio. Ao criar o casal como sua imagem, Deus valorizou o ser humano, mas também estabeleceu que

cabe ao coletivo humano em harmonia entre si e com a natureza representar e concretizar o projeto equitativo e solidário de Deus para o mundo.

Nesse contexto é preciso lembrar que a análise dos textos bíblicos demonstrou que primeiro surgiram os relatos do êxodo, da libertação da escravidão no Egito. Daí resultou a visão de que Javé, Deus de Israel, é Senhor da história que derrota poderes opressores e caminha com seu povo. Foi somente cerca de duzentos anos mais tarde que surgiram as narrativas da criação (Is 44,24; Gn 2; Gn1). No confronto com as divindades e os mitos de criação de outros povos Javé, já testemunhado como Senhor da história (cf. Dt 26,5), passou a ser entendido e verbalizado também como Criador e Senhor de céus e terra. Ele fez tudo, simplesmente por meio de sua palavra-ação. Em consequência, precisamos inverter teologicamente o primeiro e o segundo artigos do Credo: Primeiro veio a experiência de libertação, para nós a salvação em Jesus. Ela é que se torna central e fundante para tudo o mais.

2.3 Sujeitar e dominar

Esses termos de Gênesis 1.28 foram usados para justificar atos de dominação irresponsável, porém não permitem nem a interpretação arrogante nem a ação destruidora do meio ambiente, como demonstra, entre outros, Timóteo Carriker: Duas palavras descrevem a incumbência humana em Gênesis 1.28: *kābaš* (sujeitar) e *rādā* (dominar). A primeira, *kābaš*, é usada em Miquéias 7.19 com ação compassiva de Deus de “sujeitar as nossas iniquidades”. A segunda, *rādā*, é usada para descrever o domínio do rei messiânico (Sl 72.8; 110.2), modelo para os justos (Sl 49.14, “o justo os dominará no amanhecer do Dia da Salvação” [tradução minha]). Não são termos de violência, e sim, de ordenação redentora.

Seguimos o modelo do Rei Supremo que domina com compaixão, benignidade, amor, proteção, generosidade e bondade (Sl 104, Mt 6.26).³⁷

2.4 Céus e terra renovados

Estamos diante de um erro de tradução assinalado por vários pesquisadores, mas que persiste nas traduções das Bíblias e, por decorrência, na teologia cristã. No idioma grego há dois termos para “novo”: *néos* = inédito, original, jovem, nunca visto, zero quilômetros, etc. e *kainós* = o quebrado é consertado, restaurado, refeito, renovado. Esse segundo termo *kainós* ocorre sobretudo no sentido de “renovado” sempre que as Bíblias trazem “nova aliança” (Mt 26.28; Lc 22.20), “nova criação” em Cristo (2Co 5.17), “novos céus e nova terra” (2Pe 3.13), “novo mandamento” (Jo 13.34; 2Jo 5), “nova doutrina” (At 17.19), “nova Jerusalém” (Ap 3.12; 21.2). O sentido não é de “outro” surgido do nada, mas de “o mesmo renovado, restaurado” e, além disso, otimizado de modo extraordinário. Nosso corpo ressuscitado será incorruptível (1Co 15.42s).³⁸

Por isso são equivocadas pregações e atitudes do tipo “Deixe a Amazônia queimar, porque este mundo vai desaparecer no fogo. Nós iremos com Jesus para o céu.” Vale lembrar que Mateus 24.35, por exemplo, não fala de desaparecimento, mas de “transição” ou “mudança”, e que o fogo não servia apenas para aniquilamento total, mas para depurar metais (Zc 13.9; 2Pe 3.10). Ademais, a expressão “ir ao encontro” (*apántesis* – Mt 25.6; 1Ts 4.17) é termo técnico para a ação do comitê de boas-vindas que recepciona fora dos muros uma personalidade para conduzi-la à cidade. Portanto é este mundo atual que será restaurado gloriosamente quando da volta de Jesus para morar na Jerusalém

³⁷ CARRIKER, Timóteo. *Teologia Bíblica da Criação* – Passado, Presente e Futuro. Viçosa-MG: Ultimato 2014, p.15.

³⁸ JONES, James. *Jesus e a Terra* – A Ética Ambiental nos Evangelhos. Viçosa: Ultimato 2008, p.51.

renovada que desceu dos céus. Jesus não levará ninguém “para o céu”. Tenho a suspeita de que Israel passou a chamar Javé como “Deus dos céus e da terra” e a falar de “reino dos céus” com a intenção política e polêmica de expressar a diferença e superioridade dele em relação às divindades nacionais, como os deuses de egípcios, cananeus, assírios e babilônios. Pois até mesmo os céus são criação dele (Gn 1.1)!

3. RECONCILIAÇÃO

No Brasil o movimento global Renovar Nosso Mundo, formado por pessoas cristãs que “oram e trabalham por um mundo justo e sustentável”, escolheu dois eixos bíblico-teológicos para sua ação com e a partir das igrejas: a centralidade da cruz de Jesus e o encantamento com a criação. O significado da cruz como ato divino de reconciliação com todas as coisas, ou seja, com o mundo todo, e não apenas com os seres humanos, está consolidado em textos como: Deus achou por bem que em Jesus residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus (Cl 1.19). Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não levando em conta os pecados dos seres humanos e nos confiando a palavra da reconciliação (2Co 5.19).

Na vida encontramos pelo menos três cenários de reconciliação: 1) pacificação entre ofensor e ofendido, 2) entre pessoas e grupos que brigam: pacificação social e política, e 3) entre uma pessoa ou grupo violento e sua vítima. Esses cenários se aplicam respectivamente à minha relação com Deus, à relação entre humanos em conflito e guerra, e ao sofrimento da natureza (Rm 8.20) que é amada por Deus e vítima inocente de empreendimentos humanos. “Ou seja, a redenção em Cristo é ao mesmo tempo pessoal, social e ambiental, ou não é redenção. O reducionismo a uma das três dimensões é traição flagrante à

integridade do evangelho. Não é bíblico, mas fruto de ideologia”.³⁹ Repetindo: A redenção na cruz é ao mesmo tempo pessoal, social e ambiental, ou não é redenção!

O “consumado está!” (Jo 19.30) declara a redenção do mundo todo, a saber, de todas as coisas na terra e nos céus. Por um único ato! Na cruz! “Por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos para a justificação que dá vida” (Rm 5.18). A reconciliação nas três dimensões já foi realizada e concedida, sem mérito, e sem condicionantes. É evento já acontecido. Não pode ser entendida como mandamento ou mandato a ser cumprido, nem como responsabilidade evangelística à nossa frente. Mas é privilégio concedido a ser vivenciado e partilhado na liberdade que vem do evangelho. É benefício a ser usufruído e vivido em harmonia com tudo que Deus ama. Não é mais tarefa evangelística, porque o evangelho já foi por Jesus “pregado a toda criatura debaixo do céu” (Cl 1.23).

Então, a criatura já conhece o evangelho, o que nós geralmente omitimos, talvez por acreditar que temos o monopólio dele. A nós, porém, foi dada a “palavra da reconciliação”, para verbalizar essa nova realidade reconciliada na cruz (2Co 5.19). A cruz fundamenta e possibilita uma parceria harmoniosa com a criação. Torna-nos sensíveis com o sofrimento de nossos semelhantes e da natureza. Faz perceber que são vítimas de sistemas de exploração e opressão. Quem crê em Jesus é jardineiro e ambientalista. Afinal, Deus é primeiro e o maior jardineiro e ambientalista. Temos o privilégio e a alegria de amar tudo o que Deus ama. A luta por justiça socioambiental não é um acréscimo nem um departamento secundário na igreja, mas é inerente e central ao ser igreja e à vida cristã.

³⁹ FUCHS, Werner. *Ali estará quem me serve* – impulsos bíblicos para a justiça socioambiental. Londrina: Descoberta 2023, p.62.

Quando a igreja ora que venha o reino de Deus e sua justiça (Mt 6.10 e 33!), ela coloca a si mesma em segundo lugar, na posição de serva desse reino igualitário de justiça, paz e partilha. A justiça socioambiental faz parte dessa concretização do reino, pela qual somos abençoados e enriquecidos. Temos muito a aprender da natureza, que é generosa e colaborativa e se mostra resiliente: ao mesmo tempo frágil e tenazmente resistente. Assim, evitamos um antropocentrismo errado, arrogante. Talvez, se pararmos de interferir, ela cuidará melhor de nós do que nós dela. No ecocentrismo que reconhece os direitos da natureza também o ser humano é valorizado e humanizado.

Voz de vítima é voz verdadeira, como reconheceu o bom samaritano (Lc 10.33). Era a voz de Deus falando para ele naquela hora. Os religiosos passaram longe. A vida é um bem supremo. Implica em dedicar-se à defesa dela, fazendo denúncia profética de pecadores ambientais. Isso inclui a coragem de desmascarar empreendimentos humanos devastadores. Não é correto fazer a denúncia sugerindo que a humanidade toda é culpada, p.ex., do caos climático, porque a maioria dos humanos é vítima junto com a natureza. Ela não pode ser alvo de apelos genéricos de responsabilidade e sugestões de culpa. Em geral foi seduzida por falsas promessas de prosperidade imediatista e de consumismo ilimitado dos bens sem partilhá-los. Vamos agir, sim, transformando realidades locais e regionais, mas com ações multiplicáveis de alcance global e de transformação sistêmica.

4. MISSÃO

É um termo hoje consolidado, mas questionável, porque a Bíblia o evita, apesar de existir naquele tempo. Havia outros termos para o envio (*apostéllein*,

pémpein) dos seguidores de Jesus na propagação do evangelho.⁴⁰ Tampouco os reformadores usaram o termo “missão”. Foi somente Inácio de Loyola que o usou com esse sentido no séc. XVI. Originalmente designava, e ainda designa, uma expedição militar de conquista ou, no tempo do descobrimento, um enclave comercial colonialista.⁴¹

Ora, partir para a guerra não é boa notícia, nem para quem sai, nem para quem fica. Boa notícia, evangelho, é quando a guerra acaba e as pessoas voltam da guerra. Quando surge a paz. Quando para a corrida armamentista. Ou seja, os autores bíblicos e a tradução latina evitaram a palavra “missão”. Deveríamos refletir se inconscientemente não nos sentimos e portamos como comandantes de uma expedição ao falar de nossa “missão”. A atitude arrogante e autoritária, de conquistar os outros com a nossa verdade, também pode ser o motivo do entendimento equivocado de “sujeitar e dominar” a criação. Ao invés disso, deveríamos nos deixar guiar pelo Espírito Santo, como aconteceu com Barnabé e Paulo para “anunciarem a palavra do Senhor” (At 13.1) e “evangelizarem” (At 14.6).

Esse depender do Espírito traz consigo surpresas que podem mudar a forma de pensar, até mesmo de apóstolos experientes como Paulo. Conforme Atos 16.6 um homem o chamou em sonho para vir à Macedônia, mas a primeira pessoa que aceitou a fé foi uma mulher, Lídia, e a primeira pessoa curada foi uma jovem. Essa experiência pode ter sido desconcertante. Talvez por causa dela Paulo afirmou a igualdade racial, social e de gênero em Cristo (Gl 3.29) e valorizou a

⁴⁰ De GERONE, Acyr Júnior. *Missão que transforma* – O que a Bíblia diz sobre a missão cristã no mundo? Rio de Janeiro: CPIMW 2020, p.16.

⁴¹ KOLLMAN, Paul. “At the Origins of Mission and Missiology: A Study in the Dynamics of Religious Language”, in: *Journal of the American Academy of Religion*, Vol. 79, Ed. 2, Junho 2011, p. 425-458, p.429.

liderança feminina de Febe na igreja, bem como seu apoio logístico para levar a carta aos cristãos de Roma (Rm 16.1).

Para quem já está em movimento torna-se desnecessário o imperativo “Ide” (Mt 28.19). Aliás, trata-se de um erro gramatical. A forma verbal é um gerúndio do aoristo pretérito “tendo ido”, “depois de ir”. Não é uma ordem, mas uma orientação. Um segundo erro é “fazer discípulos de”, pois verbo tem objeto direto: “tornem discípulas todas as nações”. Este, sim, é um imperativo com objetivo claro: a nação toda, a cidade toda, o bairro todo. A característica dos seguidores de Jesus é ser sal e luz do mundo no coletivo (Mt 5.13s), e não juntar alguns convertidos “dentre” a população sem se importar com a segurança ou o saneamento do bairro. Recebemos o envio para proclamar o *shalom* para a casa (Lc 10.5), inclusive para nossa casa comum, pois *oikos* é a raiz grega de economia e ecologia. Anterior, porém, é o convite para tomarmos conscientemente nossa cruz e seguir e servir a Jesus lá onde ele está hoje (Lc 9.23; Jo 12.26), a saber, ao lado de vulneráveis e vítimas. Que essa palavra nos acompanhe como igreja a caminho (At 9.2) e para além dos muros eclesiásticos.

5. TEMPO DA CRIAÇÃO

A Conferência Mundial de Missão e Evangelização de San Antonio – EUA (maio de 1989) foi um passo significativo na compreensão da terra e da ecologia como temas eminentemente missionários. Foi a primeira vez em que esses dois temas foram tratados em uma conferência mundial desse porte: 700 delegados de 79 países e de inúmeras denominações, inclusive observadores católico-romanos e 60 representantes do Movimento de Lausanne. Estavam ali pessoas conhecidas como Leslie Newbegin, David J. Bosch e Valdir Steuernagel, e desconhecidas como o líder perseguido do movimento dos camponeses sem terra das Filipinas e um casal de aborígenes que auxiliava na tradução da Bíblia

para seu idioma e que ficou aos prantos quando recebeu a notícia de que o parlamento australiano aprovou a emenda constitucional que liberava a mineração nas últimas áreas intactas do país, justamente suas terras ancestrais.

Outros participantes relataram que a caminho de San Antonio visitaram locais de conflito sociais, territoriais e ambientais. O documento final acolheu no subtema “A terra é do Senhor”, entre outros, que é inerente à missão cristã lutar pela autodeterminação de povos originários e por partilha justa da terra e de seus frutos através de atos concretos como a reforma agrária e a ocupação ou reconquista de territórios.⁴²

Em conversas pessoais e nos estudos bíblicos vários delegados das igrejas ortodoxas manifestaram sua posição teológica crítica ao desenvolvimentismo tecnológico incontrolado e destruidor da natureza, promovido pelo mundo ocidental. Pouco depois da Conferência, ainda em 1989, o Patriarca ortodoxo Dimitrios I proclamou o dia 1º de setembro de cada ano como Dia de Oração pela Criação. Nos anos seguintes aderiram igrejas europeias e a grande maioria dos organismos confessionais e ecumênicos mundiais, sendo que a Igreja Católica Romana aderiu em 2015 com o Papa Francisco. A data foi transformada em um período de convocação, celebração e ação, chamado de *Season of Creation* – Tempo da Criação, estendendo-se de 1º de setembro a 4 de outubro, que é o dia de Francisco de Assis.

As denominações e organismos indicam representantes para o Comitê Diretivo, que define o tema anual. O tema do Tempo da Criação 2024 foi “Esperançar e Agir com a Criação”, baseado em Romanos 8.19-25 e com um símbolo que retrata as primícias da esperança (<https://seasonofcreation.org/pt/>). Estamos vivenciando hoje este fruto da Conferência de San Antonio, indireto e

⁴² FUCHS, Werner. *Povo que conhece seu Deus* – Bíblia e cidadania no caminho de baixo. Londrina: Descoberta 2018, p.215.

não previsto, mas significativo. Ele faz avançar a agenda socioambiental no seio da grande maioria de famílias confessionais cristãs. Louvado seja Deus!

REFERÊNCIAS

CARRIKER, Timóteo. *Teologia Bíblica da Criação – Passado, Presente e Futuro*. Viçosa-MG: Ultimato 2014.

DAMIÃO, Paulo de Melo Cintra. *A Ecologia e o Ministério da Reconciliação*. São Paulo: Pendão Real 2015.

De GERONE, Acyr Júnior. *Missão que transforma – O que a Bíblia diz sobre a missão cristã no mundo?* Rio de Janeiro: CPIMW 2020.

FUCHS, Werner. *Povo que conhece seu Deus – Bíblia e cidadania no caminho de baixo*. Londrina: Descoberta 2018.

FUCHS, Werner. *Ali estará quem me serve – impulsos bíblicos para a justiça socioambiental*. Londrina: Descoberta 2023.

JONES, James. *Jesus e a Terra – A Ética Ambiental nos Evangelhos*. Viçosa: Ultimato 2008, 2ª.ed.

KOLLMAN, Paul. “*At the Origins of Mission and Missiology: A Study in the Dynamics of Religious Language*”, in: *Journal of the American Academy of Religion*, Vol. 79, Ed. 2, Junho 2011, p. 425-458.

MAIA NETO, Joaquim. *Reflexões sobre justiça socioambiental*, in: *Justiça Socioambiental – Conceitos e Reflexões*, São Leopoldo: CEBI 2017.

MOLTMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida – O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola 2002.

OBLAU, *ECOLOGÍA*, por Mariel Deluca Voth e Jair Villegas Betancourt (coords.), Buenos Aires, FTL, 2025, p. 29-42.